

Poderá, ainda, a poesia lírica promover a consciência ética em tempos de IA?

Elisama Oliveira¹

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, Portugal

LJIMI - Rede Temática de Investigação As Literaturas Infantis e Juvenis do Marco Ibérico e Ibero-Americano

RESUMO

Partindo de uma reflexão motivada, por um lado, pelo impacto da Inteligência Artificial (IA) e da Inteligência Artificial Generativa (IAG) na promoção da leitura literária e, por outro, pela urgência de se repensar não só a formação de professores de Português, bem como o ensino do texto poético, este estudo centrar-se-á no papel dos textos líricos destinados preferencialmente a crianças e jovens na promoção e desenvolvimento de valores éticos.

Numa sociedade cada vez mais dominada por sistemas algorítmicos, interações digitais e pela fragmentação e superficialidade da leitura, em que a velocidade a que surgem e se implementam os progressos tecnológicos suplanta amplamente quer a preparação dos professores quer a capacidade de formular juízos críticos sobre as alterações implementadas, o papel da Literatura – e da poesia lírica, em particular – no desenvolvimento da consciência ética torna-se verdadeiramente indispensável. Note-se, pois, que, ao contrário dos algoritmos de IA que operam segundo modelos de homogeneização linguística, o texto lírico por negar, intrinsecamente, essa uniformização e por privilegiar a problematização, a ambiguidade, o pensamento sobre a língua e sua relação com o mundo, cultiva competências essenciais para o exercício ético.

Como tal, este estudo pretende demonstrar, através da leitura crítica de um *corpus* de textos líricos de língua portuguesa, como os elementos poéticos favorecem o entendimento significativo e promovem a reflexão em torno de questões éticas. Assim, procura-se abrir caminhos de investigação que contribuam para uma educação literária que funcione simultaneamente como resistência crítica à lógica algorítmica e como formação integral de cidadãos capazes de autonomia, pensamento crítico e ético.

Palavras chave: Ética; Literatura para crianças e jovens; Texto lírico; Inteligência artificial; Responsabilização humana e social; Formação de professores.

ABSTRACT

Drawing from a reflection motivated, on the one hand, by the impact of Artificial Intelligence (AI) and Generative Artificial Intelligence (GAI) on the promotion of literary reading and, on the other hand, by the urgency of rethinking not only the training of Portuguese teachers, but also the teaching of poetic texts, this study focuses on the role of lyrical texts intended primarily for children and young people in promoting and developing ethical values.

In a society increasingly dominated by algorithmic systems, digital interactions and by the fragmentation and superficiality of reading, in which the speed at which technological advances emerge and are implemented largely suppresses both teachers' preparation and the capacity to formulate critical judgement about the changes being implemented, the role of Literature – and of lyric poetry in particular – in the development of ethical awareness becomes truly indispensable. It should be noted, therefore, that, unlike AI algorithms which operate according to models of linguistic homogenisation, the lyric text, by intrinsically denying such uniformity and by privileging problematisation, ambiguity, reflection on language and its relationship with the world, cultivates essential competences for ethical practice.

As such, this study aims to demonstrate, through critical reading of a Portuguese-language lyric texts *corpus*, how poetic elements favour meaningful understanding and promote reflection on ethical questions. Thus, the aim is to open pathways for research that contribute to a literary education which

¹ Endereço de contacto: Instituto Politécnico do Porto, Rua Dr. Roberto Frias, 602 4200-465 Porto, Portugal.

Endereço de e-mail: elisama@ese.ipp.pt

functions simultaneously as critical resistance to algorithmic logic and as the integral formation of citizens capable of autonomy, critical and ethical thinking.

Keywords: Ethics; Literature for children and young people; Lyrical text; Artificial intelligence; Human and social responsibility; Teacher training.

1. Palavras preliminares: a poesia e a consciência ética na era digital

Embora nos pareça de resposta óbvia, a indagação que deu título a esta reflexão – «Poderá, ainda, a poesia lírica promover a consciência ética em tempos de IA?» – coloca-se com crescente premência no contexto educativo atual. Cremos que esta urgência poderá decorrer da conjugação de três fenómenos. O primeiro, e, porventura, o mais relevante dos três, é a omnipresença, no contexto laboral, social e educativo, da inteligência artificial (IA) e da inteligência artificial generativa (IAG), cujos sistemas algorítmicos, ao privilegiarem a eficiência, a velocidade de processamento e a otimização de resultados, transformam profundamente não apenas as práticas pedagógicas, mas também os próprios modos de pensar, comunicar e de estabelecer relações do ser humano. O segundo fenómeno que identificamos como fator que contribui para a desvalorização social da consciência ética tem que ver com a progressiva marginalização da poesia lírica no sistema educativo português – basta que se consultem as *Aprendizagens Essenciais* (2018) e se tenham em conta os textos literários de leitura recomendada para o Ensino Básico, por exemplo, para que esta segregação saia evidenciada –, precisamente quando a sua função formativa se revela necessária para contrariar, entre outros flagelos, a lógica instrumental que caracteriza os sistemas de IA e que poderá entorpecer o desenvolvimento da linguagem e do raciocínio. A estes fenómenos juntamos um terceiro, de natureza multifatorial, que se refere aos resultados de estudos internacionais realizados acerca da competência leitora da população escolar portuguesa: referimo-nos concretamente à descida nas classificações obtidas em Português, e concretamente na compreensão de textos, no *Programme for International Student Assessment* (PISA) 2022.

Ora, se a estes fenómenos acrescentarmos, ainda, outros fatores como as conclusões de vários estudos que se têm vindo a levar a cabo em torno da superficialidade e fragmentação da leitura digital (Chartier, 2009; Lévy, 2019; Medeiros & Câmara, 2021), como também das implicações cognitivas do uso de ecrãs e tecnologia², obtemos o quadro fenomenológico que motivou a realização da reflexão levada a termo nestas páginas. Ademais, numa transposição para o plano dos estudos literários, não podemos deixar de sinalizar que, apesar da renovada, mas tímida, aliança entre Ética e Literatura potenciada pelo movimento *Ethical Turn*³, dos anos 80 do século passado, no campo da investigação em Literatura para Crianças e Jovens, o estudo das potencialidades éticas do texto lírico tem sido pouco versado – motivo pelo qual esta constatação constituiu outra das justificativas para a seleção da temática em pauta.

Como tal, em vez de oferecermos uma resposta pronta e imediata à interpelação exposta no título, pretendemos com esta intervenção estabelecer um espaço de diálogo que permita uma análise aprofundada e uma reflexão conjunta sobre o potencial do texto lírico destinado a crianças e jovens enquanto elemento catalisador do seu desenvolvimento ético-moral. Para tal, analisaremos criticamente um conjunto de textos poéticos do sistema literário que tem na criança e no jovem o seu primeiro recetor, demonstrando como os

² Vejam-se, a respeito desta temática, os estudos: Sparrow, B.; Liu, J.; Wegner, D. M. (2011). Google effects on memory: cognitive consequences of having information at our fingertips. *Science*, v. 333, pp. 776-778; Wood, E. et al. (2012). Examining the impact of off-task multitasking with technology on real-time classroom learning. *Computers & Education*, v. 58, pp. 365-374; Adler, R. F.; Benbunan-Fich, R. (2013). Self-interruptions in discretionary multitasking. *Computers in Human Behavior*, v. 29, pp. 1441-1449, e Alzahabi, R.; Becker, M. W. (2013). The association between media multitasking, task-switching, and dual-task performance. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 39, pp. 1485-1495.

³ Fenómeno que Sofia Araújo, baseada nos estudos críticos de autores como Martha Nussbaum, Wayne C. Booth, Charles Altieri e Cora Diamond – apenas para nomear alguns dos nomes cimeiros ligados ao *Ethical Turn* nos estudos literários –, bem sintetiza na sua tese de doutoramento *Ética e Literatura: um Estudo de Romances de Iris Murdoch (1958-1970)* (2016).

elementos poéticos podem potenciar a compreensão profunda ou estimular reflexões sobre temas ligados à responsabilidade moral e social, entre outros tópicos de caráter axiológico.

Partimos, pois, de um conjunto de textos críticos e doutrinários de vários campos do saber para sustentar, com Michèle Petit, que *Somos Animais Poéticos* (2024)⁴ e que a função da Literatura na formação de valores éticos se afigura não apenas crucial, mas verdadeiramente indispensável no atual paradigma tecnológico – caracterizado pela hegemonia da IA e das interações digitais, onde o ritmo acelerado das inovações excede consideravelmente a capacidade de adaptação das instituições educativas, da formação pedagógica dos docentes, assim como da necessária adaptação/(re)estruturação do pensamento humano.

2. A Inteligência Artificial e a urgência da formação ética: perspectivas críticas

Para compreendermos por que razão a poesia lírica se torna ainda mais indispensável em tempos de IA, importa clarificar, embora sem entrar em questões de pormenor – que ultrapassariam o âmbito deste estudo – algumas das características específicas dos sistemas algorítmicos que colocam desafios ao desenvolvimento da consciência ética.

No âmbito da investigação em IA e suas implicações éticas, Kate Crawford, professora da Universidade da Califórnia do Sul, na sua obra *Atlas of AI* (2021), evidencia como os sistemas de inteligência artificial operam segundo uma lógica de extração, classificação e otimização que diminui a complexidade da experiência humana. Esta redução algorítmica, embora eficaz em determinados contextos, revela-se perigosa quando aplicada à formação ética e moral do ser humano. Consabidamente, como sinaliza Crawford, os algoritmos de IA processam vastas quantidades de dados para identificar correlações e prever comportamentos, mas fazem-no sem uma compreensão genuína dos significados, valores ou implicações éticas das decisões que propõem ou automatizam.

Na mesma linha de pensamento, situam-se os estudos em torno da Filosofia da Informação e da Ética da Informação levados a cabo pelo filósofo italiano Luciano Floridi que, no artigo «Establishing the Rules for Building Trustworthy AI», publicado em 2019 na revista *Nature Machine Intelligence*, alerta para o facto de os sistemas de IA carecerem de capacidade para o processamento do raciocínio ético que exige a ponderação sobre princípios, não raro, conflitantes e a sensibilidade à singularidade de cada situação. Conforme nota Luciano Floridi, enquanto a ética humana se constrói através do diálogo, da empatia e da capacidade de reconhecer a alteridade, os algoritmos operam segundo regras pré-definidas ou padrões apreendidos nos dados analisados, pelo que são incapazes de aceder à dimensão ética das escolhas.

Dirigiremos, agora, a reflexão para o âmbito educativo, para nos centrarmos no labor investigativo do professor Neil Selwyn, da Universidade de Monash. Nos seus estudos sobre tecnologia e educação, Neil Selwyn relata como a crescente datificação do ensino – expressa, a título de exemplo, na personalização algorítmica da aprendizagem ou na gamificação dos processos educativos – tende a privilegiar formas de conhecimento superficiais e competências facilmente mensuráveis, relegando para segundo plano dimensões epistemológicas superiores do conhecimento, como o pensamento crítico, a sensibilidade estética e a consciência ética. Consequentemente, como alerta Ben Williamson, esta transformação de ações humanas em dados digitais, mas também, de modo semelhante, o impacto da IA e da IAG na sociedade, implica necessariamente uma reconfiguração profunda do conceito e dos modelos de educação. Contudo, essa reconfiguração deve ser realizada com prudência e conhecimento profundo dos sistemas algorítmicos – nos quais ainda não se conseguiu incorporar com sucesso normas éticas – para que não se substitua a formação integral do indivíduo por uma educação voltada para a eficiência e a otimização do desempenho (Williamson, 2017).

A IAG, por seu turno, coloca desafios adicionais ao ensino na medida em que sistemas como o *ChatGPT*, capazes de produzir textos aparentemente coerentes e sofisticados, criam a ilusão de compreensão sem que

⁴ Em *Somos Animais Poéticos* (2024), Michèle Petit reforça o estudo da dimensão antropológica do texto literário e da necessidade humana de ler narrativas e poesia, argumentando que a Literatura não é supérflua ou inútil, mas uma condição necessária para a construção da identidade, para a elaboração da experiência e para a manutenção da dignidade humana, especialmente em contextos de crise, violência ou exclusão.

exista um entendimento genuíno do significado das palavras ou das implicações éticas dos discursos gerados. Este analfabetismo algorítmico, para parafrasear Safiya Noble, pode conduzir os estudantes a uma relação instrumental com a linguagem, levando-os a encarar as palavras como meros instrumentos para atingir fins (por exemplo, para obter boas classificações ou produzir respostas aceitáveis), em vez de as reconhecerem como um meio através do qual se constrói o pensamento e se acede à experiência do Outro (Noble, 2018). É, então, neste contexto que o texto lírico, pela sua irredutível complexidade semântica, pela sua resistência à instrumentalização, pela experiência de observação atenta que exige e por se instituir como – nas palavras de Jean-Pierre Siméon – “um laboratório extraordinário de inovação dentro da língua” (Siméon, 2015, p. 32), emerge como espaço privilegiado de resistência à homogeneização algorítmica. O texto poético ao apresentar oportunidades para “uma compreensão dinâmica do mundo que nos rodeia e do mundo que cada um representa” (Siméon, 2015, p. 7) promove o encontro com a alteridade e a diversidade de perspetivas: premissas essenciais para o desenvolvimento da consciência ética.

3. O diálogo possível entre ética e poesia lírica em tempos de IA

Para que consigamos pensar adequadamente a questão a partir da qual encetamos esta reflexão, torna-se fundamental clarificar os conceitos que aqui colocamos em diálogo – ética e texto lírico – e o modo como estes se interrelacionam. Começaremos, assim, por demarcar, de modo breve e inevitavelmente incompleto, a noção de ética.

Alteridade (e empatia), pensamento crítico, responsabilidade social, justiça e liberdade são preceitos que, de uma forma ou de outra, nos contextos em que emergem, se implicam e entrecruzam, convergindo todos na esfera da ética. Não é, pois, invulgar encontrar estes conceitos em documentos oficiais que regulam e orientam a prática docente, bem como observar a sua ampla disseminação no discurso público, veiculado tanto pelos órgãos de comunicação social quanto pelos representantes políticos. Mas, de que falamos quando nos referimos à ética? De que modo se relaciona esta noção com a responsabilidade social, moral e cívica? O *Grand Dictionnaire de la Philosophie* (2003) oferece-nos uma definição elucidativa que poderá contribuir para uma melhor compreensão deste conceito. Vejamos, por isso, os sentidos de ética indicados nesta fonte lexicográfica:

1. Partie de la philosophie qui étudie les fins pratiques de l'homme, c'est-à-dire les conditions individuelles et collectives de la vie bonne. 2. Doctrine spécifique déterminant le contenu de cette bonté ainsi que le contenu normatif des règles permettant sa réalisation. 3. Conscience des règles et des valeurs qui guident la pratique d'un groupe déterminé (éthique des affaires, du droit, du journalisme, etc.). (p. 387)

Esta definição, ainda que generalista, permite-nos compreender a ética como uma área do conhecimento que se preocupa com a reflexão sobre os valores e princípios que orientam as ações humanas. Através da definição apresentada, percebemos, igualmente, a sua ligação à moral, ou seja, às convicções e hábitos que regem e validam as interações humanas. A ética é, portanto, como escreveu Fernando Savater em *Ética para um Jovem* (1998), “a arte de viver” (p. 28), a procura pelo bem-estar individual e coletivo que, através de escolhas conscientes e responsáveis, nos ajuda a optar entre o bom e o mau, ou, nas palavras do filósofo espanhol, a preferir aquilo «que nos convém» (p. 22) sem comprometer o bem-estar alheio.

Não obstante, de acordo com os pressupostos colocados em evidência no ponto anterior e com o contexto social aí descrito, importa destacar que o desenvolvimento da consciência ética enfrenta obstáculos específicos criados pela utilização massificada dos sistemas de IA. Como argumenta a psicóloga social e filósofa americana Shoshana Zuboff em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), na atualidade, as escolhas individuais são antecipadas, condicionadas e, em certos casos, substituídas por decisões algorítmicas – vejamos os casos das sugestões de conteúdos nas redes sociais e das recomendações de percursos educativos personalizados. Esta substituição progressiva do julgamento humano por automatismos algorítmicos limita tanto a autonomia individual quanto atrofia a capacidade de reflexão ética, uma vez que os sujeitos deixam de exercitar a ponderação de alternativas, a antecipação de consequências e a responsabilização pelas suas escolhas. Como tal, se a consciência ética pressupõe, tal como preconiza Savater (1998), a capacidade de escolha livre com base em valores e na compreensão profunda das implicações das nossas ações, os sistemas de IA, ao valorizarem a eficiência e a satisfação imediata, tendem a enfraquecer as capacidades que

sustentam o raciocínio ético: referimo-nos, a título exemplificativo, à tolerância, à ambiguidade, à alteridade e à disponibilidade para questionar convicções adquiridas.

Embora aliciente e muito pertinente, a exploração do conceito de ética e suas implicações levar-nos-ia por outros caminhos de ponderação que não poderiam ser expostos em tão curto tempo e afastar-nos-iam do caminho a que nos propusemos. Assim, ainda que de forma sucinta e necessariamente parcial, guiar-nos-emos pela noção operativa de ética apresentada para avançarmos, de seguida, com a caracterização do texto lírico para crianças e jovens.

Por conseguinte, para abordarmos, resumidamente, as características do modo lírico que nos permitem compreender a importância da sua relação com a ética numa era dominada pelos ecrãs e pelas interações humano-máquina, recorreremos tanto a alguns dos contributos sistematizados por Vítor Manuel de Aguiar e Silva em *Teoria da Literatura* (2011), como também a alguns investigadores contemporâneos que têm estudado as especificidades e a reconfiguração que os textos de natureza lírica apresentam na Literatura para a Infância e a Juventude (LIJ).

Ora, segundo o filósofo alemão George W. Hegel, citado por Aguiar e Silva, a poesia lírica distingue-se pelo facto de

o [seu] conteúdo (. . .) [ser] o sujeito individual e, por conseguinte, as situações e os objetos particulares, assim como a maneira segundo a qual a alma, com os seus juízos subjetivos, as suas alegrias, as suas admirações, as suas dores e sensações, toma consciência de si própria. (Hegel citado por Aguiar & Silva, 2011, p. 167)

Pelo exposto depreendemos, conforme já tinha descrito Aristóteles (2008), que o texto lírico é caracterizado, essencialmente, pela sua dimensão subjetiva consubstanciada na expressão de emoções e sentimentos do sujeito poético. Como assinalou Aguiar e Silva (2011), na poesia lírica predomina a função emotiva da linguagem, através da qual o *eu* se manifesta numa relação particular com o mundo. Os textos de natureza lírica tendem, por isso, a enraizar-se “na revelação e no aprofundamento do eu (. . .) tendendo sempre a identificar-se com a revelação do homem e do ser” (Silva, 2011, p. 583). Deste modo, esta subjetividade constitui-se como um convite à introspeção e à abertura do eu ao outro: duas das dimensões fundamentais para o desenvolvimento da consciência ética num contexto tecnológico que tende a privilegiar a objetividade e a eficiência comunicativa.

Esta centralidade da subjetividade e da experiência interior do sujeito reveste-se de particular importância no contexto tecnológico atual. Tal como temos vindo a referir, enquanto os sistemas de IA operam segundo uma lógica de processamento objetivo de dados, reduzindo a complexidade da experiência humana a padrões quantificáveis e estatísticos (Crawford, 2021), o texto lírico preserva e valoriza aquilo que escapa à mensurabilidade: a singularidade irrepetível de cada experiência subjetiva, a ambiguidade dos sentimentos e a opacidade parcial dos nossos próprios estados interiores (Siméon, 2015). A lírica, tal como salienta o poeta francês Jean-Pierre Siméon, “como qualquer outra forma de arte, convida-nos, através da obra, a uma relação com o mundo [e com o Outro] (. . .). Ela interpela-nos ao modificar os nossos hábitos e as nossas certezas relativas à linguagem [e ao mundo]” (Siméon, 2015, p. 29). Esta abertura ao mundo e ao conhecimento do Outro, assim como este encontro com a subjetividade revelam-se fundamentais para o desenvolvimento da consciência ética, uma vez que promovem a introspeção e a alteridade: fundamento essencial da responsabilidade ética, de acordo com Emmanuel Lévinas (1988), autor que defendeu que a ética começa no reconhecimento da vulnerabilidade e da diferença do outro e não na aplicação mecânica de regras ou na previsão das consequências.

Na sua aplicação à LIJ, a poesia, embora mantendo, em traços gerais, as características do modo lírico, adapta-se aos interesses e capacidades cognitivos dos leitores em formação. A referida adaptação não implica, todavia, um empobrecimento estético ou uma limitação temática, mas antes uma reconfiguração que privilegia elementos como o humor, o jogo linguístico, a metáfora, a imagem, a musicalidade e, frequentemente, uma dimensão visual complementar que amplia as possibilidades interpretativas do texto. Diremos, então, com Madalena Teixeira da Silva, no seu estudo “O poema diz sempre outra coisa. Reflexões sobre a natureza da poesia para crianças” (2018), que o *corpus*

da atual poesia para crianças é constituído por um vasto conjunto de poemas que, embora podendo conter, ou contendo intencionalmente, vestígios de contaminação por outros modos, se destacam pela

centralidade da visão e da voz do sujeito poético. Esta voz, que raramente é introspetiva, no sentido da autoanálise, toma, todavia, como matéria o pensamento e a vida e não a ação, que é própria dos modos narrativo e dramático. (p. 16)

Compreendemos, assim, que os textos líricos para crianças e jovens, apesar de conterem elementos de “outros modos” (p. 16), conforme destacou Madalena Teixeira, em particular do narrativo – com a inclusão de travessões que indicam a interação com outra voz ou o relato articulado de ações –, centram-se na expressão da visão singular do sujeito poético. Ainda que não sejam plenamente introspetivos, devido à idade e estágio de desenvolvimento cognitivo dos seus destinatários, estes textos utilizam, como matéria formadora, o pensamento, o «questionamento e [o] mistério», mas também a “problematização [d]a natureza do ser e da palavra que designa as coisas e lhes confere identidade, porque a problematização do sujeito acompanha a problematização da palavra poética” (Silva, 2018, p. 25). Ou seja, através do questionamento desencadeado pela linguagem poética, entendida pelo leitor na sua relação com o mundo que designa, abrir-se-á caminho para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre a realidade e para a desejada introspeção.

Neste contexto, tal como sucede no modo lírico em geral, nunca é demais destacar, com José António Gomes (1993), que a linguagem poética se distingue pelo seu elevado potencial conotativo, pela densidade metafórica e pelo trabalho rítmico e sonoro que proporciona uma experiência estética peculiar. Na LIJ, de modo muito particular, estas características da palavra poética favorecem o estranhamento (Chklovski, 1999; Bloom, 2016) necessário à fruição da leitura literária que desconstrói a percepção quotidiana da língua, impelindo o leitor a demorar-se nas palavras, a questionar os seus significados e a construir, a partir da meditação provocada por este processo, novos sentidos para a realidade que o rodeia.

4. Potencialidades do texto lírico no desenvolvimento da consciência ética em tempos de IA

É neste cenário que o texto lírico emerge como um poderoso instrumento formativo. A poesia, pela sua natureza intrinsecamente reflexiva e pela densidade semântica que a caracteriza, oferece um espaço privilegiado para o desenvolvimento da sensibilidade ética. Enquanto as plataformas digitais e os algoritmos da IA tendem a homogeneizar a experiência linguística para favorecer a construção de mensagens eficientes e facilmente processáveis, o texto lírico resiste a esta tendência, exigindo um envolvimento ativo e uma sensibilidade atenta do leitor – competências que consideramos essenciais para o exercício da reflexão ética. Através da linguagem metafórica, do ritmo e da musicalidade, os textos poéticos permitem que o leitor transcenda o imediato, questione perspetivas estabelecidas e explore as múltiplas dimensões da experiência humana.

Ora, esta valorização da ética e da formação moral através da Literatura não se circunscreve ao campo literário, nem, tão-pouco, ao sistema educativo, a relevância da articulação destas áreas tem vindo a ser posta em destaque noutros campos com a adoção de políticas de gestão empresarial baseadas no texto literário como alavanca da formação moral, da criatividade e inovação dos trabalhadores, ou mesmo com a mobilização de textos literários no âmbito do ensino da economia, direito, política e gestão, entre outras disciplinas, como têm posto em relevo, a título ilustrativo, os estudos de Robert Coles (*Political Leadership: Stories of Power and Politics from Literature and Life*, 2005), Sandra J. Sucher (*Teaching The Moral Leader: A Literature-based Leadership Course: A Guide for Instructors*, 2007) e Michèle Petit (*Ler o Mundo*, 2020).

Verificamos, portanto, que esta tendência se está a tornar transversal a um número muito significativo de áreas de conhecimento e surge como uma espécie de contra-medida para atenuar a crescente desumanização ou alienação do humano – isto é, a perda de valores ou qualidades que conferem identidade e individualizam o ser humano. Esta reação aos desafios colocados pela rápida propagação dos avanços tecnológicos, embora relativamente recente, tem sido aplicada de modo mais eficaz em setores alheios ao sistema educativo, que, pela sua estrutura intrincada e pouco ágil, pela sua dimensão e conservadorismo, apresenta respostas tipicamente obsoletas e desfasadas perante tais problemáticas. Por estes motivos, entendemos que a preparação dos docentes para a utilização eficaz de textos líricos na educação ética é apenas um dos vários caminhos possíveis – mas essencial – para dotar as crianças e jovens de competências que lhes permitam fazer face aos desafios da sociedade.

Apesar das limitações assinaladas, seria injusto não destacar uma das medidas significativas que – embora insuficiente – já foi implementada, neste percurso humanizador, no sistema educativo português através do *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017). A propósito deste documento de matriz humanista, não resistimos a citar um dos muitos excertos do seu texto em que se destaca a dimensão ética, nos termos em que atrás a expusemos. Leia-se, por isso, a seguinte passagem relativa ao valor “Responsabilidade e Integridade”: “Respeitar-se a si mesmo e aos outros; saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum” (p. 17). É, portanto, considerando a promoção de valores que capacitem o aluno para o respeito próprio e pelo outro, para a tomada de decisões ponderadas e para a responsabilização pelos seus atos, que defendemos que o desenvolvimento da consciência ética pode iniciar-se com a reflexão sobre a palavra, nomeadamente através da poesia lírica, e com a compreensão de como esta afeta e transforma o pensamento, o mundo, o próprio leitor e o outro.

De acordo com o exposto, podemos sintetizar a relação entre a poesia lírica e a ética de acordo com três eixos estruturadores. O primeiro consubstancia-se na educação da sensibilidade e da atenção, dado que a lírica exige uma leitura atenta e educa, por isso, a atenção, que contrasta com a dispersão característica dos ambientes digitais. O segundo diz respeito ao cultivo da alteridade através da experiência vicariante, uma vez que o texto lírico convida o leitor a olhar para um Outro e a contactar com a sua mundividência, possibilitando-lhe o encontro com outras formas de pensar, agir e sentir o mundo. Por último, o terceiro eixo consiste na problematização da linguagem e do sentido que a poesia lírica instiga. Deste modo, ao perturbar “o que nos é mais próximo e familiar” (Siméon, 2015, p. 29), levando-nos a reconhecer a complexidade da experiência humana, educa para o pensamento crítico subjacente à consciência ética.

4.1. O texto lírico e o desenvolvimento da consciência ética: advertências e percursos

O potencial do texto lírico no desenvolvimento da consciência ética é, como temos procurado demonstrar, praticamente inesgotável, uma vez que um texto lírico de qualidade mais do que expor ao leitor uma lição moral, coloca-o perante “a moral or ethical issue” (Nikolajeva, 2014, p. 178). Ao ser confrontado com escolhas éticas ou morais, a vinculação do leitor ao texto irá ser favorecida, estimulando-se, por essa via, a afetividade, a atenção, a memória, a empatia, entre outros processos mentais subjacentes ao pensamento ético (Nikolajeva, 2014). No entanto, tratando-se do sistema literário para crianças e jovens, é necessário que a mediação destes textos tenha em conta o desenvolvimento deste público-alvo, o qual, como sinalizou Maria Nikolajeva, ainda não apresenta “a fully developed ethical value system” (Nikolajeva, 2014, p. 179). Como tal, um leitor jovem ou infantil, porque possui tipicamente um sentido de justiça apurado, poderá estar mais sensibilizado para identificar como positivos valores como honestidade, generosidade, bondade e lealdade (Nikolajeva, 2014).

Todavia, conforme destacou Nikolajeva (2014) na sua investigação, apesar de conseguirem, com relativa facilidade, “to make distinctions between right and wrong” (p. 195), assim como julgar eticamente algumas ações, estes leitores necessitam de uma mediação eficaz quando se trata de temas mais complexos. Para ilustrar esta afirmação, consideremos alguns exemplos provenientes da pesquisa de Maria Nikolajeva (2014) que têm por base textos narrativos. Ora se a ética diz respeito à distinção entre boas e más escolhas, devido ao seu desenvolvimento cognitivo, uma criança poderá revelar dificuldade, por exemplo, em perceber como positiva a escolha de um personagem que aja contra a sua vontade em benefício do bem-estar de outros; paralelamente, é possível que não considere negativas determinadas ações levadas a cabo pelo herói com a intenção expressa de prejudicar terceiros. É, pois, importante que estes leitores compreendam “that people can act not only against common sense, but against their own good because of their ethical convictions” (Nikolajeva, 2014, p. 177).

Esta compreensão da complexidade inerente ao pensamento ético pode ser potenciada através das composições de caráter lírico, que proporcionam espaços de reflexão sobre valores como a amizade, a honestidade, o cuidado com o outro, mas também sobre temas como a guerra e as suas consequências, a infância e a vida em sociedade, entre outros, transformando princípios éticos abstratos em vivências emocionais tangíveis. Para além disso, como já referimos, e direcionando a nossa atenção para o plano técnico-compositivo, no texto lírico o trabalho com a palavra é cuidadosamente depurado pelo que é

essencial levar os leitores a pensarem sobre o sentido dos jogos de palavras, das figuras de repetição, das metáforas; é necessário fazer com que atentem na seleção de determinada palavra com vista a criar efeitos expressivos específicos. Este processo reflexivo que promoverá a educação ética pode ser estimulado por um conjunto de questões orientadoras, devidamente adaptadas às diferentes faixas etárias, tais como: “por que razão se utilizou esta palavra e, não, outra? Que implicações de sentido resultariam de outras escolhas? A posição apresentada pelo eu lírico seria alterada? Em que medida?”.

Para ilustrarmos de forma um pouco mais concreta a abordagem que propomos, apresentaremos, de seguida, alguns textos líricos para crianças e jovens dos quais analisaremos, por restrições temporais, duas das características anteriormente mencionadas – (i) as linhas ideotemáticas e (ii) determinados elementos de natureza expressiva, pertencentes ao plano técnico-compositivo – com o intuito de evidenciar como estes componentes poéticos podem contribuir eficazmente para o desenvolvimento do pensamento ético.

Relativamente ao primeiro grupo que diz respeito às linhas ideotemáticas, isto é, aos temas, valores e ideias infundidos nos textos, vejamos o poema “À Mesa” (p. 10), extraído da consagrada obra *Poemas da Mentira e da Verdade* (2005), de Luísa Ducla Soares:

A mãe, se me vê
comer com a mão,
prega-me logo
uma lição.

Então tentei
comer com o pé:
Tirei sapato,
tirei a meia...
la levando uma tarefa.

Mas amanhã
não ralham comigo
pois vou comer
pelo umbigo.

Enunciado por uma voz infantil revelada na expressão inicial “A mãe, se me vê”, este poema manifesta um equívoco (e, note-se, um impulso transgressor) gerado pela aparente incompreensão de uma instrução que o leitor intui estar incompleta (a saber, “não se come com a mão”). Como tal, o sujeito poético aproveita esta lacuna na orientação sobre o modo apropriado de se alimentar para transgredir através do jogo humorístico, visível nos versos “Então tentei/ comer com o pé (. . .) la levando uma tarefa”, assim como na solução criativa apresentada na última quadra. Com recurso ao humor provocado pelo entendimento literal das ações representadas, nesta composição trata-se temas como o contraste entre a vivência da infância e o mundo adulto, a autoridade e a desobediência à ordem estabelecida, neste caso, pelos adultos.

O aproveitamento ético destas linhas ideotemáticas sairá favorecido se se tiver em consideração que o poema constitui uma oportunidade para explorar a relatividade das normas sociais como também o desenvolvimento da empatia, convidando os leitores a adotar quer a perspectiva da mãe quer a do sujeito poético (e.g., Por que repreendeu a mãe a criança? Como reagiu a criança?). O texto ilustra, de igual modo, a relação entre as ações e os seus efeitos, estimulando a reflexão sobre a forma como lidamos com as reações que as nossas escolhas provocam no outro. Ademais, este texto poderá, ainda, ser uma oportunidade para se discutirem as regras explícitas e implícitas que dinamizam a interação social e que, juntamente com o humor, funcionam como ferramentas de reflexão moral para (re)pensar as convenções sociais estabelecidas. Por último, a resposta criativa da criança às proibições poderá servir, igualmente, como ponto de partida para se debater em que circunstâncias o questionamento de normas estabelecidas poderá ser eticamente justificável.

Antes de avançarmos para o segundo grupo, refiramos de passagem o poema “A Canção dos Adultos” (2013), de Manuel António Pina, que retrata, também, temáticas ligadas à distinção entre a vivência infantil e a vida adulta. Do mesmo modo, não podemos deixar de destacar, para o tema da guerra, o “Poema em G” (2005), de Luísa Ducla Soares; para a reflexão sobre o mundo, a composição “Na idade dos porquês” (2016), de Alice Gomes, e ainda “Não é para compreender” (2016), de Álvaro Magalhães, destinados a leitores juvenis. De entre os textos mencionados, faltou referir, por exemplo, o poema “Figuinho da capa rota” (1973), de Matilde

Rosa Araújo; “Ou isto ou aquilo” (1969), de Cecília Meireles; de Sidónio Muralha, “Papagaio» e «Macacos” (2010): poemas que sendo vocacionados para crianças não deixam de refletir sobre questões universais da existência humana, convidando os pequenos leitores a contemplarem dilemas, escolhas e sentimentos que transcendem a infância e nos acompanham ao longo da vida.

Para o segundo núcleo de textos nos quais daremos destaque aos elementos de natureza expressiva, selecionamos «O último andar», de Cecília Meireles, que aqui reproduzimos:

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar:
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:

no último andar

Um dos elementos de maior destaque neste texto é o jogo de palavras construído em torno da repetição em vários vocábulos da partícula <ar>, que surge, ao longo do poema, em palavras como “mar” (v. 2), “morar” (v. 3, 6, 9, 12, 18), “chegar” (v. 5), “luar” (v. 11), “ar” (v. 17) e “andar” (v. 1, 2, 4, 8, 15, 19). Esta recorrência não é meramente estilística, mas também simbólica, pois remete para o ar, elemento etéreo e símbolo de liberdade, que estabelece uma conexão direta com o «último andar» almejado pelo sujeito poético. Bem assim, a repetição sistemática dos verbos «andar» e «morar» intensifica e sublinha esse desejo expresso pelo eu lírico. Concorrendo, igualmente, para esta linha de sentido, o verso «É lá que eu quero morar», convertido numa espécie de refrão que encerra quase todas as estrofes, funciona como um mantra, que se fortalece a cada repetição, criando um movimento ascensional que parece retratar a própria subida ao último andar.

Deste modo, percebemos que o «último andar» transcende a dimensão física para se tornar num espaço simbólico de libertação e plenitude. A sua altura representa não apenas a elevação física, mas também uma elevação existencial. Este espaço privilegiado permite que o sujeito poético tenha uma visão ampla (“De lá se avista o mundo inteiro”, v. 16) e uma proximidade com elementos celestiais (“Todo o céu”, v. 7, “o luar”, v. 11), aproximando-o do céu, do luar, das aves – símbolos tradicionais de liberdade – e afastando-o, paulatinamente, das limitações terrenas.

Em acréscimo aos elementos analisados, é, também, digna de nota a construção agramatical presente no quinto verso: «custa-se muito a chegar». Esta estrutura não-normativa da língua portuguesa (onde o verbo «custar» é usado com o pronome reflexivo «se») cria um efeito estilístico que enfatiza o esforço e a dificuldade do percurso. Esta agramaticalidade reforça, assim, a ideia de que o caminho para o último andar – metáfora para a liberdade e realização pessoal – exige um esforço extraordinário.

No que se refere às potencialidades deste texto para a educação ética, seria proveitoso problematizar as escolhas vocabulares e atentar na intencionalidade que estas palavras trazem ao texto. O desejo persistente do sujeito poético de “morar no último andar” pode servir como ponto de partida para uma discussão sobre os valores que orientam as aspirações dos leitores, permitindo a exploração das crenças pessoais e da sua

dimensão ética. Por outro lado, partindo da dificuldade do percurso expressa no verso “custa-se muito a chegar” (v. 5), seria importante estimular debates sobre o valor ético do esforço, da perseverança face às dificuldades e do compromisso com objetivos traçados, mesmo quando esses são difíceis de alcançar. Por fim, abordar a transcendência e o bem comum teria igualmente proveito moral, dado que o desejo de elevação do sujeito poético pode ser interpretado não apenas como uma busca individual, mas como uma aspiração por um plano superior de existência que inclui preocupações éticas com o bem comum.

Reflexões éticas de índole semelhante poderão ser suscitadas pela leitura de poemas como “A Moda da Menina Trombuda” e “O Chão e o Pão” (1969), de Cecília Meireles, ou ainda pelas composições poéticas “O Pássaro da Cabeça” e “Basta Imaginar” (2013), de Manuel António Pina, as quais se referem no final desta secção meramente a título exemplificativo e sem pretensões de exaustão.

5. Considerações finais

Numa sociedade cada vez mais dominada pela IA e por interações digitais, é urgente repensar não só a escola e o ensino, mas também a formação de professores de Português. Os desafios colocados pelos sistemas algorítmicos na vida quotidiana e escolar dos estudantes – dos quais salientamos os assistentes virtuais, as redes sociais e os sistemas de tutoria – exigem uma resposta educativa que não se limite a uma utilização meramente instrumental da tecnologia, mas que promova uma literacia eficaz na promoção do entendimento da lógica de funcionamento, dos limites e implicações éticas destas ferramentas.

Assim, como procuramos demonstrar ao longo deste estudo, a Literatura, na forma de poesia lírica, e o seu conteúdo ético poderão ser aliados eficazes no combate à crescente desumanização e ao depauperamento das competências científicas e éticas dos estudantes. Aliás, o caminho aqui apresentado não é recente, a importância de manter abordagens centradas no ser humano para a educação moral num mundo cada vez mais tecnológico tem-se vindo a fazer notar noutros campos de atuação com a adoção de políticas de gestão empresarial baseadas no texto literário como alavanca da formação moral, da criatividade e inovação dos trabalhadores.

Assim, para fazer face à, não raras vezes, cega aquisição e implementação de recursos digitais e tecnológicos sem que haja a necessária preparação quer dos espaços quer dos profissionais educativos é fundamental abrir novos caminhos de pensamento e investigação que facilitem a incorporação, em contexto de aula, de discussões sobre conceitos morais. Ora o texto lírico, pela sua natureza de revelação emocional, de encontro e consciencialização de mundos interiores, é particularmente propenso à educação ética e moral, potenciando o pensamento, a cognição, a inteligência emocional e a criatividade.

É, pois, fundamental conduzir os leitores ao questionamento da palavra poética para promover a plasticidade mental, estimulando a reflexão tão necessária à construção da consciência ética e aos processos mentais subjacentes às boas escolhas, ao saber viver (Savater, 1998). Num contexto em que os algoritmos de IAG podem produzir instantaneamente textos apenas na sua aparência coerentes que são isentos da compreensão das implicações éticas veiculadas no enunciado, torna-se imperativo capacitar os leitores para o questionamento crítico da linguagem e para o reconhecimento da distinção entre a mera correção gramatical e a profundidade semântica. Como tal, procurou-se evidenciar a partir dos poemas analisados a importância de conduzir os leitores à reflexão sobre o significado dos diversos recursos estilísticos – jogos de palavras, figuras de repetição, construções metafóricas –, bem como da análise crítica das escolhas lexicais e dos seus efeitos expressivos nos textos líricos. Trata-se fundamentalmente de cultivar uma sensibilidade ética que reconhece na palavra um meio de construir significado, de estabelecer relações com o mundo e com o Outro e de auxiliar a formação de um sujeito ético. Só através deste trabalho paciente e rigoroso se poderá abrir novos caminhos de pensamento e investigação que facilitem a promoção e o desenvolvimento, em contexto educativo, de valores éticos a partir da poesia lírica.

Referências

Araújo, M. (1973). *Livro da Tila*. Atlântida Editora.

- Araújo, S. (2016). *Ética e Literatura: um estudo de romances de Iris Murdoch (1958-1970)*. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”.
- Aristóteles (2008). *Poética*. IN-CM.
- Blay, M. (2003). *Grand dictionnaire de la philosophie*. Larousse.
- Bloom, H. (2016). *O cânone ocidental*. Círculo de Leitores.
- Chartier, R. (2009). *A história cultural: Entre práticas e representações*. Difel.
- Chklovski, V. (1999). A arte como processo. In *Teoria da literatura I: Textos dos formalistas russos apresentados por Tzvetan Todorov*.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI: Power, politics, and the planetary costs of Artificial Intelligence*. Yale University Press.
- Floridi, L. (2019). Establishing the rules for building trustworthy AI. *Nature Machine Intelligence*, 1, 261-262.
- Gomes, J. A. (1993). *A poesia na literatura para a infância*. Edições ASA.
- Lévinas, E. (1988). *Ética e infinito*. Edições 70.
- Lévy, P. (2019). *Cibercultura*. Editora 34.
- Magalhães, Á. (2016). *Poesia-me*. Edições ASA.
- Martins, G. (coord.) (2017). *Perfil do aluno à saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Medeiros, D. F., & Câmara, A. R. M. (2021). Leitura literária e o leitor na era digital. *Revista Galo*, 4, 3-16.
- Meireles, C. (1969). *Ou isto ou aquilo*. Melhoramentos.
- Muralha, S. (2010). *Bichos, bichinhos e bicharocos*. Althum.com/Centauro.
- Nikolajeva, M. (2014). *Reading for learning: Cognitive approaches to children's literature*. John Benjamins Publishing Company.
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. New York University Press.
- Petit, M. (2024). *Somos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise*. Fatoria K de Livros.
- Pina, M. (2013). *O pássaro da cabeça e mais versos para crianças*. Assírio & Alvim.
- Portela, M. (2010). O que é a digitalização das humanidades? *As letras entre a tradição e a inovação* (pp. 91-121). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Savater, F. (1998). *Ética para um Jovem*. Presença.
- Selwyn, N. (2019). What's the problem with learning analytics? *Journal of Learning Analytics*, 6(3), 11-19.
- Silva, M. (2018). O poema diz sempre outra coisa. Reflexões sobre a natureza da poesia para crianças. In A. C. Macedo, M. N. Rodríguez, & S. R. da Silva (Coords.), *Primeiros leitores, primeiros poemas*. Tropelias & Companhia.
- Silva, V. M. A. (2011). *Teoria da literatura*. 8.ª ed. Almedina.
- Siméon, J.-P. (2015). *A vitamina P: a poesia, porquê, para quem, como?* (Trad. C. Alão). Trinta por uma linha.
- Soares, L. D. (2005). *Poemas da mentira e da verdade*. Livros Horizonte.
- Soares, L. D. (2016). *Poesia para todo o ano*. Porto Editora.
- Williamson, B. (2017). *Big data in Education: The digital future of learning, policy and practice*. Sage Publications.
- Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. PublicAffairs.